

**BLUMENAU  
EM CADERNOS**

TOMO XVIII — No. 5

Maio de 1977

## CANTO DOS COOPERADORES

**A Fundação Casa Dr. Blumenau torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta revista, recebido de:**

Artur Fouquet - Blumenau  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque  
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro  
Consulado Alemão - Blumenau  
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Elmar Seidelmann - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau  
Georg Traeger - Blumenau  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
Malharia Maju S/A. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau  
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XVIII

MAIO DE 1977

Nº 5

## — S U M Á R I O —

	Página
Genealogia - Família Lucas - III	142
Titulares do Império Catarinenses - II	149
O Início da História Administrativa de Joinville	155
Estante Catarinense	157
Os primórdios da Estrada Blumenau-Curitiba	159
O que é um Museu? — Finalidade e Preconceito	163
Uma esquecida epopéia de Franciscanos e Bandeirantes	166
Fundação tem novo Conselho Curador	170
Sonetos e Poesias — Convite a Dulácia	172

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 30,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 30,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 130,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# GENEALOGIA

— JEAN R. RUL —

## FAMÍLIA LUCAS

— III —

Filhos de Adam Lucas e de Elisabeth Jacobsen (Continuação)

F2 - Catharina Lucas \* 1811 Kastellaun, falecida em Blumenau (Belchior?) após 1876. Casou 3 meses após ter chegado ao Brasil, 10.2.1829 em Destêrro, com um companheiro de viagem, Jacob Müller \* 1804 † 31.1.1861 em Belchior. Jacob era filho de Jacob Müller e de Elisabeth... Seu ofício era marceneiro, sua religião luterana e parece ter imigrado sozinho, pois a outra família Müller era católica.

Jacob Müller e sua esposa Catharina Lucas, permaneceram em SPA depois que Peter Lucas se tinha mudado para o Vale do Itajaí. Eles vieram para Belchior um pouco mais tarde, entre 1852 e 1856, o que comprova o nascimento dos filhos N23 e N24. Tiveram no mínimo 11 filhos, sendo provável que tenha havido 13:

N14 - Louise Müller \* 1830/31 SPA, bat. S. José. Casou 7.2.1850 SPA com Pedro Meurer \* Alemanha, filho de Pedro Meurer e de Margarida Fuchs. Os Meurer não eram imigrantes da primeira leva de 1828, pois este nome não é citado antes de 1850. Podem ser imigrantes de Santa Isabel, chegados após 1847. Pedro e Louise residiam em SPA, porém, mais tarde, mudaram-se para a Colônia Santa Isabel e não parecem ter vindo para o Vale do Itajaí. Encontramos apenas dois filhos do casal, sendo provável que haja número maior:

B49 - João Pedro Meurer \* 3.6.1855 batizado em SPA.

B50 - Conrad Meurer \* 15.2.1863 batizado em Sta. Isabel.

N15 - Pedro Müller \* 25.7.1833 SPA † 11.6.1902 (ou 1903?) sepultado no Cemitério Evangélico de Serafim, Mun. de Luiz Alves. Casou, cerca 1855, com Henriette Padartz \* 1837, da colônia Blumenau, nascida na Alemanha e também sepultada em Serafim, porém a data da sepultura é ilegível e parece ser 1920. Os 12 filhos do casal foram todos batizados ou registrados nos livros do Pastor Hesse na PEB.

B51 - uma filha † 4.1.1858, sem ter sido batizada.

B52 - Henriette Müller \* dez. 1857 † 11.5.1859.

B53 - Wilhelm Müller \* 1.6.1860, casou 10.1.1884 PEB com Maria

— 142 —

- Kögler \* 17.11.1861 Blumenau, filha de Friedrich Kögler e de Sophie Meyer. Residia em Itoupava. Pais de, no mínimo:
- T55 - August Müller \* 1.4.1889 na Fortaleza.
- B54 - Hermann Müller \* 18.3.1862, casou 27.4.1883 PEB com Bertha Nagel \* 25.11.1860 Lenzen bei Köslir, filha de August Nagel e de Augusta Kosky.
- B55 - Hermine Dorothea Auguste Müller \* 13.5.1864.
- B56 - Anna Caroline Christiane Müller \* 24.6.1866.
- B57 - Mathilde Ida Bertha Müller \* 3.7.1868.
- B58 - Adele Hedwig Müller \* 24.7.1871 Rio do Testo.
- B59 - Leopold Müller \* 25.10.1873, gêmeo com B60.
- B60 - Clara Müller, casada com . . . Baader. Ela † 12.1.1955 Serafim.
- B61 - Reinhold Müller \* 12.1.1876 Salto.
- B62 - Frieda Müller \* 5.10.1878 Itoupava † 11.2.1954. Casada com Oscar Michel (vide B107) seu primo.
- N16 - Catharina Müller \* 1835 aprox. SPA. Casou 1.11.1857 PEB com Christian Barth \* 1830, filho de Christian Barth, um dos pioneiros da colônia Piedade, atual mun. de Gov. Celso Ramos, onde chegaram em março de 1847. A família Barth mudou-se para Belchior por não ter encontrado condições de sobrevivência na colônia Piedade. Christian † 1.1.1915 já viúvo, 84 anos e residia em Salto do Norte. Pais de no mínimo 9 filhos registrados na PEB:
- B63 - um filho que nasceu morto a 22.7.1858.
- B64 - um filho \* 7.9.1860, não foi batizado, provavelmente não sobreviveu.
- B65 - Henriette Barth \* 30.3.1862 † pouco tempo depois de casar. Casou 29.11.1883 PEB com Ernst Georg.
- B66 - Maria Barth \* 2.7.1864. Após o falecimento de sua irmã Henriette, ela casou com seu cunhado Ernst Georg a 25.11.1885.
- B67 - Dorothea Barbara Anna Therese Barth (Therese) \* 4.7.1866 † 17.3.1949. Casou 27.11.1889 PEB com seu primo Julius Lucas (N12). Ambos estão sepultados no cem. evang. de Badenfurth.
- B68 - Agnes Barth \* 30.4.1872.
- B69 - Catharina Barth \* 17.12.1874.
- B70 - uma filha nati morta a 8.8.1876.
- B71 - Anna Therese Barth \* 22.8.1877 † 9.11.1912 sep. cem. evang. da Fortaleza. Casou 11.10.1899 com Friedrich Carl Wagner (Carlos) \* 28.1.1869 † 5.10.1916, filho de Peter Wagner (vide genealogia Wagner — N18.)
- N17 - Dorothea Müller \* 10.12.1837 bat. S. José, pode ter falecido pequena.
- N18 - Christian Müller \* 6.5.1841 SPA. Alistou-se como voluntário para

a Guerra do Paraguay, em 1865 e ali faleceu, conforme nos informa o assento de óbito registrado pelo pastor Hesse:

«Faleceu o voluntário Christian Müller, filho de Jacob Müller, «de Belchior, em Corrientes a 7.2.1866, de doença do peito (Brus-«tkrankheit) idade de 24 anos, 9 meses e 1 dia.»

Pelo que tudo indica, do corpo de voluntários «alemães» de Blumenau foi Christian Müller o primeiro a deixar a vida nesta guerra em que o pior inimigo eram as doenças e não os paraguaios. Isto não vem diminuir em nada o mérito dos que participaram desta campanha e nela deixaram sua existência.

N19 - Elisa Müller \* 28.10.1844 SPA bat. S. José.

N20 - Maria Müller \* 15.9.1846 SPA bat. S. José.

N21 - Carl Müller \* 11.11.1848 SPA † 23.4.1901 Itoupava Norte. Casou 1.8.1871 PEB com Emilie Marie Louise Padaratz \* 16.1.1849 Letzin, filha de Johann Padaratz e de Henriette Schuhmann. Pais de (pelo menos):

B72 - Ottilie Henriette Anna Catharina Müller \* 29.8.1872 PEB

B73 - uma nati morto em 10.7.1877

B74 - Wilhelm Hermann Georg Müller \* 18.2.1880 PEB, nascido Belchior.

B75 - Henrique Müller \* 3.1.1887 † 3.6.1889.

N22 - Helena Müller \* 11.4.1851 aprox. SPA. † 11.1.1862 PEB: «filha da viúva Catharina Müller, n. Lukas, idade de 10 anos e 9 meses, faleceu de queimaduras.»

N23 - Jacob Müller \* 16.6.1852 SPA. Casou 27.9.1874 PEB com Anna Maria Dorothea Hamester \* 23.12.1851 Rakendorf, filha de Joaquim Hamester e de Louise Kahn. Residiam em Belchior. Pais de:

B76 - um filho \* 26.7.1875 † dois dias depois, sem ter sido batizado.

B77 - Wilhelm Müller \* 8.11.1876

B78 - Eugen Müller \* 8.12.1878

B79 - Carl Müller \* 29.7.1880

N24 - Wilhelm Müller \* 17.7.1856 Belchior, bat. 24.1.1857 Itajaí. Casou 28.5.1879 PEB com sua prima Amalie Schönau \* 10.12.1859 Blumenau (vide B3) filha de Wilhelm Schönau e de Catharina Lucas. Residiam em Belchior. Pais de, no mínimo:

B80 - Gustav Carl Jacob Müller \* 23.5.1880

B81 - Maria Müller \* 23.3.1886

B82 - Louis Müller \* 20.3.1888

F3 - Marie Elisabeth Lucas \* 11.2.1813 Kastellaun † 30.11.1892 PEB. No assento de seu óbito consta: «faleceu Maria Elisabeth Jasper, n. Lukas, esposa do falecido Johann Jasper, na cidade, margem esquerda do rio Itajaí (Stadtplatz, linker Itajahyufer), com 79 anos, 9 meses e 19 dias. Foi sepultada neste cemitério.»

Casou cerca 1832, provavelmente em S. José, com Johann Christian Heinrich Jasper, filho de Johann Christian Jasper e de Anna Christine Sievers.

Johann C. H. Jasper deve ser também um imigrante de 1828, porém não se sabe se ele veio sozinho ou com os pais. Não consta na relação dos colonos de SPA do censo de 1930, pois ele se estabeleceu em São José no lugar conhecido por Praia Comprida. O Padre Raulino Reitz em sua obra «Frutos da Imigração» faz menção dele sob os nomes Esper e Gaspar. Quando seu sogro, Peter Lucas, se mudou para o Vale do Itajaí, J. Jasper permaneceu em São José e veio somente para Blumenau após 1851 (e antes de 1862) fixando residência na margem esquerda do Rio Itajaí. (Ponta Aguda?) Pais de:

N25 - Peter Jasper \* 1833 Praia Comprida, S. José. Casou 5.1.1862 PEB tendo 29 anos, com Margarethe Dürkes \* 1842, filha de Casper Dürkes, imigrante de Blumenau. Residiam em 1873 em Encano e em 1878 em Itoupavazinha. Pais de:

B83 - Marie Magdalena Jasper \* 21.10.1862. Casou 29.9.1885 PEB com Hermann Carl Hackbarth, colono no Rio do Teste, \* 2.2.1859 Ludwigs-horst, Pommern, filho de Friedrich e de Wilhelmine Koch. Pais de, no mínimo:

T56 - Anna Margarethe Emma Hackbarth \* 29.3.1887 Itoupavazinha.

T57 - Carl Heinrich Julius Hackbarth \* 22.8.1888 Blumenau.

B84 - Marie Louise Jasper \* 20.6.1864

B85 - Georg Wilhelm Leopold Jasper \* 3.10.1866 † 21.6.1867

B86 - Johann Heinrich Christian Jasper \* 26.1.1868 † 24.2.1868

B87 - Marie Rose Caroline Jasper \* 25.6.1869

B88 - Louis Jacob Thomas Jasper \* 4.10.1871. Casou com Anna Bothe \* 13.5.1876 † 20.11.1917, filha de Henrique e de Joana Bothe. Ela foi sepultada em Serafim e deixou 8 filhos.

B89 - Wilhelmine Jasper \* 22.7.1873 Encano.

B90 - Magdalena Jasper \* 14.7.1875

B91 - Anna Margarethe Jasper \* 13.10.1877

B92 - Ernestine Auguste Jasper \* 30.11.1878 Itoupavazinha.

N26 - Johann Jasper \* 26.3.1835 bat. S. José. Deve ter falecido pequeno, pois 10 anos mais tarde seus pais deram o mesmo nome a um outro filho.

N27 - Jacob Jasper \* 13.8.1838 SPA bat. 15.10.1838 S. José. A informação de que nasceu em SPA é tirada do assento de seu casamento na PEB, porém deve ser aceita com reserva, pois todos seus irmãos nasceram em S. José. O pastor Hesse pode ter posto isto no assento por sua conta, pois sabia que todos — ou quase todos — os colonos de Belchior, vinham de SPA.

Jacob † 13.4.1907, conforme assento de óbito na PEB: «faleceu Jacob Jasper, colono em Blumenau, a 13.4.1907 «an Lungenuntzuehung» na idade de 68 anos e 8 meses e 9 dias, entre Pernambuco e Madeira, na viagem à Alemanha, a 14 de abril foi sepultado no mar.»

Jacob foi mais um jovem desta família, «alemão» porém bem brasileiro, que se alistou em 1865 para a guerra do Paraguai. Consta na relação como «trabalhador, evangélico, 27 anos.»

Terminada a guerra e de volta a Blumenau ele casou a 27.2.1871 com Maria Lucas, sua prima (N5). No «Blumenauer Zeitung» de 25.8.1883 foi noticiado que «o senhor Jacob Jasper colheu uma couve-flor, que, sem folhas, pesou 3.500 grs.» Demonstra que, além de bom patriota era também bom horticultor. Pais de:

B93 - uma criança nati morta a 23.1.1872

B94 - Dorothea Jasper \* 15.2.1873 † 9 dias mais tarde.

B95 - Arnold Jasper \* 19.3.1874, faleceu dos pulmões a 8.6.1895 com 21 anos, solteiro.

B96 - Carl Gustav Jasper \* 2.11.1875 † 19.11.1928, conforme assento no Registro Civil de Blumenau: «... 53 anos, casado, operário, residente em Curitiba, faleceu no Hospital Santa Catarina. Deixou mulher e 5 filhos: Anna 24, Olga, 20, Oscar 18, Albertina 17 e Odette 7 anos, sepultado no CEB.»

Ele era foguista no vapor «Progresso» quando casou a 20.8.1903 PEB com Ernestine Friedrike Hermine Stein \* 3.3.1883, filha de May (?) Stein e de Emilie Möbius. Em alguma época entre 1907 e 1928, mudou-se para Curitiba. Pais de:

T58 - Anna Jasper \* 1904

T59 - Clara Jasper \* 4.10.1906 † 21.3.1907, Rio Itajaí margem esquerda.

T59A - Olga Jasper \* 1908

T60 - Oscar Jasper \* 1910

T61 - Albertina Jasper \* 1911.

T62 - Odete Jasper \* 1921.



- B97 - Clara Anna Catharina Jasper \* 1.12.1877, faleceu solteira, dos pulmões, a 16.8.1899, com 21 anos de idade.
- B98 - Margarethe Marie Henriette Jasper \* 1.5.1879. A única informação a seu respeito é a de sua confirmação na PEB, quando tinha 15 anos. Não sabemos qual foi seu destino.
- B99 - Thekla Anna Friedrike Jasper \* 9.6.1881. Casou 1.7.1908 PEB com Hermann Otto Braatz \* 20.5.1879 na Rússia, filho de Johann Braatz e de Amalia Kamm.
- B100 - Eleonore Jasper \* 17.4.1884 † 31.5.1885.
- B101 - Louis Paul Jasper \* 10.2.1887 «na Ponta Aguda» † 22.4.1887.
- N28 - Catharina Jasper \* 26.11.1843 S. José. Casou 11.12.1865 na Igreja Católica de Gaspar, com Leopold Weisshaupt, da colônia Blumenau, \* 15.11.1831 em Schoellbronn, Baden, filho de José e de Maria Anna Kunz. Devem ter fixado residência em Blumenau e batizaram apenas o primeiro filho em Gaspar, por ainda não ter sido instalada a paróquia de São Paulo Apóstolo. Os filhos seguintes foram provavelmente batizados em Blumenau. Pais de:
- B102 - Marie Louise Weisshaupt \* 25.2.1869.
- N29 - Johann Jasper \* 2.1.1845 S. José. Ele foi padrinho de uma sobrinha em 1862 e depois seu nome não foi mais citado.
- N30 - Maria Jasper \* 27.1.1846, data tirada de sua sepultura, pois seu batizado não foi encontrado em S. José. Casou cerca 1865 com Louis Michel \* 28.12.1842 † 31.12.1901, possível filho de Heinrich Michel, colono de Blumenau que adquiriu um lote em 1857 na cidade. Maria faleceu 23.6.1929 quando residia na Alameda Rio Branco, porém ela quanto o marido estão sepultados em Itoupava Norte, talvez porque anteriormente moravam na Fortaleza. Pais de:
- B103 - Catharina Dorothea Emma Michel (Emma) \* 23.12.1866 † 14.6.1946, casada com seu primo George Lucas (N11) ferreiro, em Salto do Norte, ambos sepultados em Badenfurth.
- B104 - Wilhelm Michel \* 10.11.1868 † 24.11.1915. Casou com Wilhelmine Carls, que ele deixou viúva com 5 filhos.
- B105 - Heinrich Michel \* 27.10.1870 † 25.10.1902, «colono na Fortaleza, com 31 anos de idade e 11 meses e 28 dias, enterrado em Itoupava Norte». Não se sabe se era solteiro ou casado.
- B106 - Louis Karl Michel (Carlos) \* 20.11.1872 † 17.6.1945 PEB, residia em Itoupava Norte onde foi sepultado junto com sua esposa. Casou 11.6.1895 PEB com Pauline Marie Stahl \* 15.9.1876 Blumenau † 9.12.1937, filha de Paul Stahl e de Anna Harbs.

- B107 - Karl Otto Oskar Michel (Oscar) \* 9.9.1875 Encano. Casou com sua prima Frieda Müller (B62) \* 5.10.1878, filha de Peter Müller e de Henriette Padaratz. Oscar † 26.10.1957 e Frieda † 11.2.1954. Tiveram no mínimo uma filha:
- T63 - Herta Michel † 18.4.1914 com 12 dias de vida.
- B108 - Hermann Karl August Michel (Hermann) \* 26.6.1879. Vivia ainda em 1929, não sabemos se era casado nem onde residia.
- B109 - Julius Fides Leopold Michel (Julius) \* 16.3.1881 † 21.4.1961. Casado com Emilie Bruch \* 3.10.1885 † 31.5.1965, ambos sepultados na Fortaleza. Pais de dois filhos no mínimo:
- T64 - Rodolf Michel \* 26.10.1910 † 22.8.1934, na mesma sepultura dos pais.
- T65 - Milda Michel † 21.10.1922 com dois anos de vida.
- B110 - Louis Wilhelm Franz Michel (Louis) \* 7.6.1883 † 10.2.1920 de delírio tremens, sepultado em Itoupava Norte. Não se sabe se era casado ou não.
- B111 - Gustav Hugo Bernhard Michel (Gustav) \* 29.9.1886 † 21.1.1942, sepultado Itoupava Norte. Não se sabe se era casado.
- B112 - Ricardo Michel \* aprox. 1883/89. Foi declarante do falecimento de sua mãe, onde consta como tendo 39 anos e também do falecimento de seu tio Joseph, porém mais não sabemos a seu respeito.
- N31 - Caetana Jasper \* 6.3.1849 S. José. Seu nome não foi mais citado, sendo provável que tenha falecido jovem.
- N32 - Joseph Jasper \* 30.8.1851 São José † 22.6.1929, sepultado no CEB junto com sua esposa. Casou 23.11.1880 PEB, com sua prima Anna Lucas (N7) e não tiveram filhos. Residiam em Belchior.
- F4 - Carlos Lucas, quarto filho de Adam Lucas e de Elisabeth Jacobsen, \* 1820 em Kastellaun. Seu nome não foi mais mencionado, sendo provável que faleceu, após 1830, em SPA.
- F5 - Christoph Lucas \* 3.8.1822 Kastellaun † 9.9.1875 PEB com a idade de 53 anos. O pastor Hesse, no assento, não menciona se era casado ou não, o que deixa supor que era solteiro.



NOTA LOCAL - Blum. Zeitung.

5.1.1884 — No Warnow receia-se a erupção de um vulcão. Até agora considerava-se as colunas de fumaça e vapor, como sendo provenientes de fogueira dos bugres.

## Titulares do Império Catarinenses — II

*Edison Mueller*

Publicamos recentemente, na edição de março desta revista (páginas 81-87), um artigo sôbre o “ARCHIVO NOBILIARCHICO BRASILEIRO”, publicado em 1918 e organizado pelo Barão de Vasconcellos e o Barão Smith de Vasconcellos. Transcrevemos naquela oportunidade os trechos dessa obra notável referentes aos Titulares do Império naturais da Província (hoje Estado) de Santa Catarina, ou assim considerados por determinados autores.

Encerramos aquelas despretenciosas considerações com um convite e um apêlo aos cultores das ciências históricas para que apresentassem proximamente, através das páginas de «Blumenau em Cadernos», retificações e acêrscimos aos trechos transcritos do mencionado livro.

Apraz-nos divulgar agora, a par de mais algumas notas que já havíamos compilado sôbre o assunto, as primeiras colaborações recebidas, sôbre os Titulares catarinenses, de dois ilustres e respeitados polígrafos, de cuja amizade orgulhamo-nos privar. Referimo-nos ao Dr. Aristides Monteiro de Carvalho e Silva, heraldista de escol, residente no Rio de Janeiro; e ao Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, decano dos historiadores catarinenses e mestre assaz conhecido, que desde 1958 vem honrando as páginas desta revista com tantos e tão valiosos estudos sôbre o nosso passado, a quem manifestamos nesta oportunidade os nossos sinceros agradecimentos pela valiosa cooperação recebida.

Possui o Dr. Aristides Monteiro, como tivemos ocasião de verificar pessoalmente no ano passado durante agradável visita à sua casa, selecionada biblioteca onde se destacam preciosos tratados sôbre Genealogia e a Ciência dos Brasões, e assuntos correlatos. Sobressai ali um exemplar do “Archivo Nobiliarchico Brasileiro”, valiosíssimo sobretudo pelas cuidadosas anotações nele feitas pelo seu culto possuidor, fruto principalmente de extensas e pacientes leituras de obras antigas e de carinhosas pesquisas realizadas, há alguns anos, no Arquivo Nacional.

Enviou-nos gentilmente, o prezado Dr. Monteiro, várias dessas suas importantes notas pessoais referentes aos Titulares do Império catarinenses, que ora divulgamos juntamente com as

informações prestadas pelo Dr. Oswaldo R. Cabral e com alguns dos nossos próprios apontamentos sôbre o assunto.

Ocupar-nos-emos inicialmente, todavia, apenas do Visconde de Ariró e do Barão de Batovi, destinando o artigo seguinte aos outros Titulares (Iguatemi, Laguna, Saicã e Santa Teresa).

## 1. ARIRÓ (Visconde de)

À página 80 do 1º volume do «Anuário Genealógico Brasileiro» (1), organizado por Salvador de Moya, há um resumo da notícia publicada pelo «Archivo Nobiliarchico Brasileiro» sôbre êste titular, acompanhado da gravura de seu brasão. A mesma figura está reproduzida à página 25 do 2º volume da mesma publicação (2), onde se encontra também (p. 24-25) uma descrição dessa insígnia, idêntica aliás à contida no «Archivo».

Informou-nos agora o Dr. Aristides Monteiro que a descendência do Visconde de Ariró, através de seu filho major Henrique José da Silva, homônimo do pai, acha-se no volume IX do citado «Anuário Genealógico Brasileiro» (3).

Os pequenos verbetes que a importante obra “Nobreza de Portugal e do Brasil” (4) e a “Grande Enciclopédia Delta Larousse” (5) dedicam ao visconde nada acrescentam às informações existentes nas fontes aqui mencionadas, limitando-se a resumir (com pequenas falhas, a primeira) os escassos dados conhecidos.

Todavia, alertou-nos agora o prezado Dr. Cabral para a existência de um precioso levantamento biográfico sôbre o Visconde de Ariró, feito por Alípio Mendes, publicado inicialmente no livro “Os Barões de Angra — A Nobreza Angrense”, do mesmo autor, e reproduzido na poliantéia “Santo Antônio dos Anjos da Laguna — Seus valores históricos e humanos” (6).

Nesse escrito são corrigidas, esclarecidas e, sobretudo, extensamente ampliadas as informações sôbre a vida de Henrique José da Silva, muito se recomendando portanto a leitura dessa importante biografia.

Permitimo-nos antecipar aos leitores de «Blumenau em Cadernos» estas duas revelações de Alípio Mendes:

a) O título nobiliárquico tem origem geográfica: *Ariró*, que na língua tupi significa «serra dos ventos», é um lugarejo do litoral fluminense, em Angra dos Reis, onde o visconde possuía fazendas e através de cujo pôrto, Jurumirim, exportava sua produção agrícola.

b) Ao contrário do que sugere a leitura do “Archivo Nobiliarchico Brasileiro”, o Visconde de Ariró casou-se duas

vêzes, a primeira delas com D. Marinha Miranda da Silva, falecida em Bananal em 1876. Dois anos depois, no entanto, e apesar de seus 69 anos de idade, [o visconde convolveu novas núpcias com D. Amélia Augusta de Carvalho, que à época possuía apenas 22 anos, havendo dêsse segundo casamento apenas um filho, Odorico Camargo da Silva.

## 2. BATОВI (Barão de)

Como assinalamos no artigo precedente, o Barão de Batovi, ao contrário do que consta no «*Archivo Nobiliarchico Brasileiro*», não faleceu no Paraná, mas foi fuzilado covardemente, com seu filho, em território catarinense, na fortaleza de Anhatomirim, por ordem do atrabiliário Coronel Moreira César, cuja paranóia provocou em nosso Estado a morte violenta de dezenas de pessoas inocentes, durante a chamada «*Revolta da Armada*» (1893/1894).

Muito já se escreveu a respeito dêsse triste período da vida catarinense, razão por que ora dispensamo-nos de narrá-lo aqui. Recomendamos todavia, aos interessados em conhecê-lo melhor, a leitura da boa síntese do assunto feita, no livro «*História de Santa Catarina*», pelo ilustre polígrafo Dr. Oswaldo R. Cabral (7). Merecem leitura também as páginas que lhe dedicou em suas memórias o General José Cândido da Silva Muricy (8).

Sôbre o Titular do Império em epígrafe há vários escritos biográficos, oferecendo-nos notícia de alguns o prezado Dr. Aristides Monteiro.

Há, por exemplo, o artigo de Henrique Boiteux publicado na «*Revista Genealógica Brasileira*» (9), contendo o traslado de uma justificação de nobreza de ascendentes seus. Trata-se de um extrato do capítulo do livro «*Santa Catarina no Exército*» do mesmo autor, notando-se entretanto várias discrepâncias de monta entre ambos.

Cabe aliás assinalar aqui, a propósito, e lamentá-la bastante, a pouca segurança existente nas informações divulgadas por Henrique Boiteux, embora êle se tenha fundamentado sem dúvida em fontes primárias, presumivelmente consultadas com cuidado.

Não existe na sua obra sequer a perfeita indicação do nome certo do próprio biografado ora em foco, sofrendo êste ora a perda dos apelidos «*Almeida*» e «*Lobo*» e o acrés-

cimo do apelido « Coelho », e vice-versa, aparecendo sob as seguintes formas:

- a) Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça (10), a mesma, por sinal, indicada no « Archivo Nobiliarchico Brasileiro »;
- b) Manoel de Almeida Gama Coelho d'Eça (11);
- c) Manoel da Gama Lobo Coelho d'Eça (12);
- d) Manoel de Almeida da Gama Lobo Coelho d'Eça (13).

Parece-nos conveniente chamar ainda a atenção dos nossos genealogistas e historiadores, nesta oportunidade, para as trocas notadas nos nomes de ascendentes e parentes do Barão de Batovi, cometidas principalmente pelo referido biógrafo catarinense.

Sua avó paterna, por exemplo, embora perfeitamente identificada como Maria Joaquina da Conceição Coimbra não só por Henrique Boiteux (14) como principalmente por Antônio da Rocha Almeida (15), também é denominada pelo primeiro como Elisa Joaquina da Conceição Coimbra (16).

Também os nomes de outros dois ascendentes dêste Titular do Império são informados confusamente por Henrique Boiteux. O avô materno ora é José da Gama Lobo (17), ora José Maria da Gama (18). O bisavô paterno ora é Fernando da Gama Coelho d'Eça (19), ora Fernando da Gama Lobo Coelho (20).

O nome de um dos irmãos do Barão de Batovi, ao que pudemos observar, é registrado sob 4 formas distintas:

- a) Joaquim Maria Coelho da Gama d'Eça (21);
- b) Joaquim de Almeida Coelho Gama d'Eça (22);
- c) Joaquim de Almeida Coelho d'Eça (23); e
- d) Joaquim da Gama Lobo Coelho d'Eça (24).

Mesmo em relação aos nomes dos pais do Barão de Batovi não há uniformidade de informação. Sua mãe, por exemplo, ora é Maria Isabel (25), ora simplesmente Isabel (26). Quanto a seu pai, Henrique Boiteux denomina-o tanto Joaquim de Almeida Coelho (27), como Joaquim de Almeida Coelho d'Eça (28).

Informou-nos o Dr. Aristides Monteiro que, no « Anuário Genealógico Brasileiro », já mencionado aqui, há duas pequenas notícias biográficas sobre o Barão de Batovi, a saber:

- vol. 1º (ref. a 1939), páginas 88-89; e
- vol. 2º (ref. 1940), páginas 101-102.

Ambas as notícias contêm a descendência do marechal

catarinense, sendo mais extensa a segunda, graças à colaboração do genealogista gaúcho Celso Martins Schröder. Nessas notícias o nome do pai do barão aparece como Manoel de Almeida Coelho — o que está em contradição com as demais fontes conhecidas. A mesma informação foi repetida todavia na obra « Nobreza de Portugal e do Brasil » (29).

Há, portanto, na biografia do marechal catarinense, vários pontos obscuros e controversos, a merecer a atenção dos nossos genealogistas e pesquisadores.

Ao leitor interessado em perquirir sua vida, confrotando datas e fatos, lembramos ainda as seguintes biografias do Barão de Batovi ou de parentes próximos seus:

1. Almeida (Antônio da Rocha): « Vultos da Pátria », volume IV; Pôrto Alegre, Editôra Globo, 1966:  
- « Brigadeiro Manoel Soares Coimbra » (segundo dêsse nome), seu bisavô; páginas 197-202.
2. Boiteux (Henrique): « Santa Catarina no Exército », 2 volumes; Rio de Janeiro, ed. Biblioteca Militar, 1942:
  - a) « Marechal de Campo Manoel de Almeida da Gama Lobo Coelho d'Eça, Barão de Batovi » (o próprio); volume I, páginas 203-236;
  - b) « Brigadeiro José Maria da Gama Lobo Coelho d'Eça, Barão de Saicã » (seu tio paterno); volume I, páginas 91-129;
  - c) « Brigadeiro Joaquim Maria Coelho da Gama d'Eça » (seu irmão); volume II, páginas 443-450.

Trataremos a seguir do Barão de Iguatemi, do 2º Barão da Laguna, do Barão de Saicã e do Visconde de Santa Teresa.

---

### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - "Anuário Genealógico Brasileiro"; São Paulo, ed. Instituto de Estudos Genealógicos", vol. 1º, s.d. (1939), página 80.
- 2 - "Anuário Genealógico Brasileiro"; São Paulo, ed. Instituto Genealógico Brasileiro (ex-Instituto de Estudos Genealógicos), vol. 2º, 1940, páginas 24-25.
- 3 - "Anuário Genealógico Brasileiro"; citado; São Paulo, vol. IX, 1947, página 130.
- 4 - Zúquete (Afonso Eduardo Martins) e outros: "Nobreza de Portugal e do Brasil", 3 volumes; Lisboa, Editorial Enciclopédia Ltda., 1961; volume III, página 574.

- 5 - "Grande Enciclopédia Delta Larousse"; Rio de Janeiro, Editora Delta S. A., ed. 1972, volume II (ARA-BLÉ), página 487.
- 6 - Mendes (Alípio): "O Visconde de Ariró", artigo no livro coletivo "Santo Antônio dos Anjos da Laguna - Seus valores históricos e humanos"; Florianópolis, ed. Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976, páginas 267-274.
- 7 - Cabral (Oswaldo Rodrigues): "História de Santa Catarina", 2ª edição; Rio de Janeiro, Editora Laudes, 1970, páginas 260-277.
- 8 - Muricy (José Cândido da Silva): "A Revolução de 93 nos Estados de Santa Catarina e Paraná"; Rio de Janeiro, ed. Biblioteca Militar/Companhia Editora Americana, s. d. (c. 1945).
- 9 - Boiteux (Henrique): "O Marechal de Campo Manoel de Almeida da Gama Lobo Coelho d'Eça (Barão de Batovi)", artigo na "Revista Genealógica Brasileira", São Paulo, ed. Instituto Genealógico Brasileiro, ano I, n° 2, 2º sem. 1940, páginas 451-453:
- 10 - Boiteux (Henrique): "Santa Catarina no Exército", 2 volumes; Rio de Janeiro, ed. Biblioteca Militar, 1942, vol. II, p. 444.
- 11 - Boiteux, op. cit., vol. II, p. 448.
- 12 - Boiteux, op. cit., vol. II, p. 453.
- 13 - Cf. Nota 9, supra, p. 451; e cf. Nota 10, supra, vol. I, p. 203.
- 14 - Cf. Nota 9, supra, p. 452; e cf. Nota 10, supra, vol. I, p. 205; e vol. II, p. 443.
- 15 - Almeida (Antônio da Rocha): "Vultos da Pátria", 4 volumes; Pôrto Alegre, Editora Globo, 1966; vol. IV, p. 199.
- 16 - Cf. Nota 10, supra, vol. I, p. 91.
- 17 - Cf. Nota 9, supra, p. 453.
- 18 - Cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 444.
- 19 - Cf. Nota 9, supra, p. 452.
- 20 - Idem; e cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 443.
- 21 - Cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 443.
- 22 - Cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 444.
- 23 - Cf. Nota 9, supra, p. 453.
- 24 - Cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 444-a.
- 25 - Cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 443 e 444.
- 26 - Cf. Nota 9, supra, p. 453.
- 27 - Cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 443.
- 28 - Cf. Nota 10, supra, vol. II, p. 443.
- 29 - Cf. Nota 4, supra, p. 579.





# O Início da História Administrativa de Joinville

Waldemar Luz

Segundo atesta a documentação conhecida, a população de Joinville, nos cinco primeiros anos de sua fundação, atingiu a 1.428 pessoas, elevando-se, nos cinco anos seguintes, ao total de 3.678, sendo 2.993 da religião luterana e 685 católicas.

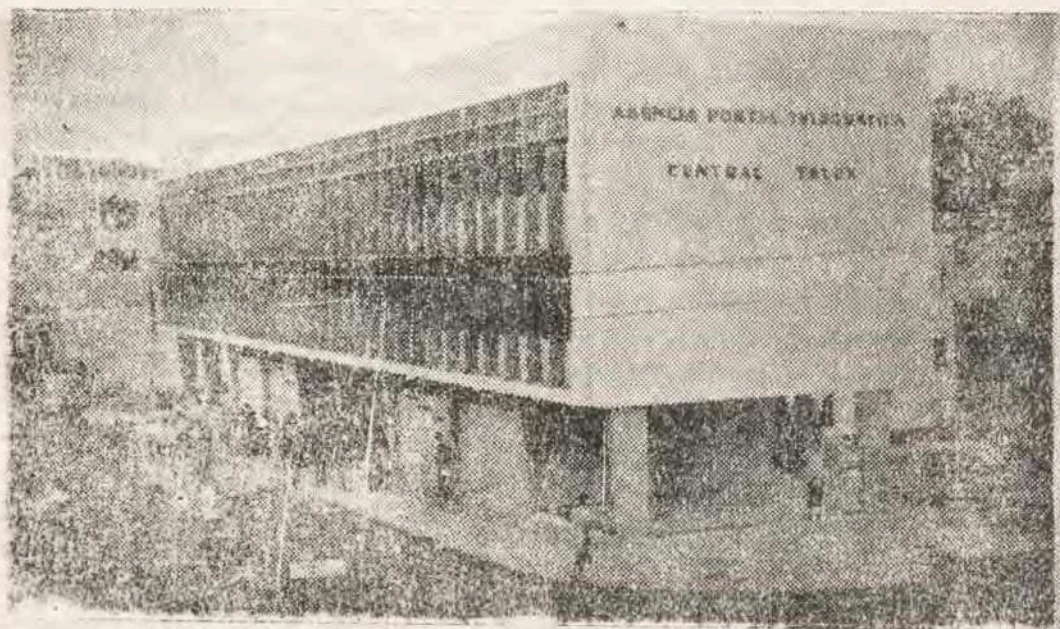
A sua elevação à freguezia deu-se em 8 de abril de 1858, quando o recenseamento, então, acusou uma população de 2.250 habitantes.

Em 15 de março de 1866 foi a colônia desmembrada de São Francisco do Sul, constituindo-se em município. E, a título de curiosidade, publicamos, aqui, a primeira ata da sessão extraordinária da Câmara Municipal, datada de 13 de janeiro de 1869:

“Sessão Extraordinária de 13 de janeiro de 1869 — Presidência do sr. dr. Adolfo Haltenhoff. Às 9 da manhã, reunidos os srs. vereadores dr. Haltenhoff, F. Lange, B. von Frankenberg, B. J. Poschaan Junior, L. von Lasperg e J. Bauer, o senhor Presidente abriu a sessão e declarou que o motivo principal de a convocar foi pela urgência de tratar de vários assuntos importantes. A Câmara acordou em nomear, para seu secretário, o cidadão Ulrich Ulrichsen, que foi chamado, anuiu a nomeação e prestou juramento para bem e fielmente servir o dito emprego de secretário da Câmara Municipal desta Vila. Convidado o cidadão Frederico Jordan para entrar como vereador, substituindo ao cidadão J. Müller, que não aceitou este cargo por motivo de mudança do seu domicílio, fora deste Município, apareceu e depois de prestado o juramento na forma seguinte; “Juro ao Santo Evangelho desempenhar as obrigações de vereador da Vila de Joinville, de promover quanto a mim couber, os meios de sustentar a felicidade pública”, tomou assento como Vereador da Câmara e, no mesmo tempo, a Câmara resolveu de pedir da Câmara Municipal de São Francisco remeter cópia autêntica ao cidadão F. Jordan para lhe servir de diploma. Foi proposto, pelo Presidente, de nomear o Fiscal e o Porteiro. A Câmara acordou de nomear para o emprego de Fiscal o cidadão Adalberto Ravache e para Porteiro nomear o cidadão Augusto Hoffmann, que, comparecidos, anuíram a nomeação e prestaram juramento para bem e fielmente servir dos seus respectivos empregos, mandando-se-lhes passar os competentes diplomas. Acordou a Câmara de mandar publicar, no jornal “Colonie Zeitung” uma concorrência para as pessoas

idoneas que pretenderem ser nomeadas Procurador desta Câmara e ao mesmo tempo foi determinado de publicar, por Editais, e pela imprensa, as nomeações hoje feitas. Foi dirigido um officio ao Exmo. Sr. Presidente da Província participando a ele que esta Câmara foi hoje instalada. Declarou mais o sr. Presidente que necessário se tornava marcar as épocas das quatro sessões ordinárias desta Câmara, no corrente ano, e a Câmara acordou em ter princípio a primeira no dia 3 de Fevereiro, a segunda no dia 10 de maio e a terceira no dia 9 de Agosto, e a quarta no dia 15 de Novembro e assim mandou publicar e afixar os Editais nos lugares mais públicos e pela imprensa para chegar a noticia a todos. Fechou o sr. Presidente a Sessão e eu Ulrich Ulrichsen, secretário, que a escrevo. (Assinados) A. Haltenhoff, F. Lange, B. von Frankenberg, Poschaan Junior, von Lasperg, J. Bauer e Jordan”.

Com a primeira sessão assim realizada, foi instalada a primeira Câmara Municipal Legislativa de Joinville, dando início, portanto, a nova vida autônoma administrativa da antiga Colônia Dona Francisca, hoje transformada, sem medo algum de contestação, na mais bela e importante cidade de Santa Catarina, cujo progresso, no seu conhecido circulo evolutivo, é o produto santo do trabalho porfiado da sua população.



PRÉDIO DO CORREIO E TELEGRAFO (Blumenau)

# ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

Graças à boa lembrança do ilustre homem de letras Theobaldo Costa Jamundá, acabo de receber uma série de livros novos, de autores catarinenses, todos chancelados pelo Conselho Estadual de Cultura, do qual Jamundá é Presidente.

Nos próximos números de "Blumenau em Cadernos", e a medida de nossas possibilidades, estaremos fazendo a apreciação das obras.

Hoje, porém, vamos falar de dois livros que retratam fatos reais, num misto de ficção e fantasia: um deles, memórias de infância. O outro, a narrativa de episódios ocorridos com uma pessoa durante a guerra, e que chegam perto do irreal.

MEMÓRIAS DE UM MENINO POBRE de Silveira Júnior

Editora Lunardelli, em co-edição com a UDESC

Florianópolis, 1977.

Há muitos anos li um livro intitulado "Um Brasileiro nos Estados Unidos". E gostei. Eram as impressões de viagem de alguém que estivera visitando a terra de Tio Sam. E com muita verve e bom estilo, suas experiências, surpresas e novos conhecimentos, auferidos na viagem, foram colocados no papel, virando livro. Livro tão interessante que acabou se tornando "pocket book", editado por uma importante empresa de âmbito nacional.

O autor, Silveira Júnior, trabalhava naquela época no INCO, um banco que não existe mais.

Pois bem, Silveira Júnior continuou escrevendo. E sua última obra é "Memórias de Um Menino Pobre", um relato fiel dos seus tempos de infância. Tempos difíceis, é verdade, mas que serviram para amalgamar o caráter de um jovem que até hoje é um exemplo de cidadão honesto e probo.

Suas recordações são sinceras e foram escritas de maneira muito peculiar.

Por exemplo, causa ao leitor verdadeiro impacto a apresentação de fotografias dos túmulos de personagens citados constantemente, como o "Professor Cantalício", ou o "Capelão Antônio Reinert". Porque à medida em que estes personagens criam vida nas páginas do livro, vem-nos à lembrança as fotografias de suas sepulturas. Eles não vivem mais, estão mortos. Mas na narrativa, "seu" Cantalício está tão real!

A infância e parte da adolescência de Silveira Júnior foram passados numa localidade bem pequenina, chamada Rio Branco, situada entre Guaramirim e Massaranduba. Joinville e Jaraguá formavam os outros dois pontos de apoio ao Universo criado pela mente do garoto. Universo que girava em torno de Rio Branco.

As recordações são aquelas de um guri pobre, criado em contato com a natureza, sem o conforto da vida moderna. E como o próprio autor esclarece na apresentação da obra, sua pequena Rio Branco ainda

hoje aguarda a chegada do progresso.

A narrativa de Silveira Júnior faz nascer também no leitor a recordação dos tempos da infância. Das molecagens e diabruras de todos nós, quando crianças. A mim, por exemplo, vieram as recordações do tempo em que, ainda adolescente e estudando em Blumenau, passava as férias nas casas de meus pais, em Jaraguá do Sul. Quantas e quantas vezes peguei a bicicleta e saí passeando até Guaramirim ou até a Figueira, locais citados amiúde por Silveira Júnior.

Esta identificação autor/leitor comprova a sinceridade dos seus escritos e a força de narração dirigida.

A capa do livro teve arte final de Orlandivo Nocetti Júnior. A Editora Lunardelli está de parabéns pela edição

A propósito, Silveira Júnior tem prontos mais 2 livros: o romance "Confissões de Uma Filha do Século" e o "Dicionário Onionímico Brasileiro".

## **ELE SOBREVIVEU!... UM SOLDADO ALEMÃO COM ESPÍRITO BRASILEIRO.**

de José Gonçalves — Edição do Autor — Blumenau, 1976.

De uma amizade muito grande entre o autor e um cidadão alemão chamado Alfred Wilhelm nasceu este livro. Primeiro, porque Gonçalves sempre quis escrever um livro (a idéia o perseguia desde os tempos em que trabalhava em rádio e era companheiro deste crítico). Segundo, porque a realidade dos fatos vividos por Alfred na Europa durante a segunda guerra mundial eram, verdadeiramente dignos de serem narrados.

O jovem alemão, vindo jovem para o Brasil, resolveu um dia visitar a Alemanha. E durante esta visita estorou a guerra. Resultado: ele teve de se incorporar às fileiras nazista e defender, mesmo contra a vontade, os ideais de Hitler. Porém manteve sempre uma conduta que o diferenciava dos colegas. Mais tarde ele compreendeu que o espírito de brasileiro o levava a resolver satisfatoriamente muitas situações difíceis.

Talvez possa parecer ao leitor menos informado que as ações narradas por Gonçalves, fruto de horas e horas de conversas com Alfred, sejam incursões no campo da ficção, tamanhas foram as peripécias do jovem soldado alemão durante a guerra. Mas tudo aconteceu exatamente assim como está narrado no livro. Poderia até servir de enredo para filme.

E mais espanto causa ainda aos blumenauenses o fato de quase todos conhecerem, pelo menos de vista, o personagem-título do livro, Sr. Alfred Wilhelm, proprietário de uma loja de artigos fotográficos.

Desconheciam, porém, esta faceta de sua vida, repleta de tantas e tantas aventuras, beirando o irreal. Porque neste livro, é a vida quem imita a ficção.

Correspondência para: Caixa Postal, 30 - Blumenau - SC.

# OS PRIMÓRDIOS DA ESTRADA BLUMENAU — CURITIBANOS

Frederico Killian

Por ocasião da visita do Presidente da Província, Dr. Francisco da Rocha, a Blumenau em janeiro de 1887, um grupo de pessoas que o acompanhavam, em sua viagem de regresso a Itajaí, no vaporzinho, comentava com o Presidente também o tema da estrada de Blumenau a Curitiba, declarando estas pessoas, blumenauenses, que vários moradores de Blumenau se prontificaram a contribuir, monetariamente, para a construção dessa estrada, desde que o Governo também desse sua parte e iniciasse esta obra, levando-a à seu término. O Presidente, Dr. Rocha, sugeriu então que este grupo firmasse uma declaração nesse sentido e a enviasse ao Governo, garantindo que, de sua parte, tudo faria para que o Governo aceitasse a proposta dos blumenauenses, pois considerava muito importante esta estrada para o desenvolvimento, não só da Colônia de Blumenau, como também tanto para Itajaí, como para o próprio planalto, que com esta estrada teria fácil acesso ao porto marítimo para a exportação de seus produtos, como ainda às zonas produtoras das mercadorias de que necessitavam, como açúcar, aguardente e outros. Declarou ainda que considerava esta estrada mais importante para o desenvolvimento econômico e o progresso da Província, do que a de Lages à Capital, ou a construção da tão falada e prometida Estrada de Ferro Pedro I, cujo traçado definitivo ainda nem foi decidido.

Houve, logo após, realmente uma propaganda entre os grupos econômicos e políticos de Blumenau, para se levar avante esta idéia, de, com o esforço comum dos blumenauenses e do Governo da Província, realizar-se esta obra que era de vital importância para todo o vale do Itajaí. Na Câmara de vereadores e no Congresso Estadual vários foram os pronunciamentos dos representantes do eleitorado de Blumenau nesse sentido, porém o caso ia-se arrastando de mês para mês, até que no dia 24 de Setembro de 1887, saiu publicado no jornal "Blumenauer Zeitung" o seguinte comunicado: — "Convencidos de que para o prosseguimento do desenvolvimento da Colônia, como do Vale do Itajaí, é de grande importância uma ligação, por meio de uma estrada, com o planalto catarinense, os abaixo assinados, reuniram-se hoje, para, mediante a formação de uma Sociedade Anônima, possibilitar a construção dessa estrada.

Para a construção de uma boa estrada de cargueiros, achamos ser necessário um capital de 40 contos de réis, e pretendemos reunir esta soma, mediante emissão de 400 ações no valor de 100\$000 cada ação. Tão logo uma parte das ações estejam subscritas e garantida esta com o pagamento inicial de 10 %, os abaixo assinados entrarão com um pedido à Assembléia Provincial, para que a Sociedade, que se obrigará a construir esta estrada, receba a concessão de cobrar, durante o prazo de 25 anos, de cada cabeça de gado ou animal de carga que transitar pela estrada, um pedágio, no montante a ser fixado.

Esperamos contribuir com este empreendimento para o desen-

volvimento geral desta zona, e terão os acionistas, se bem que não tão logo nos primeiros anos, mas futuramente bons rendimentos de seu capital investido.

Blumenau, 21 de setembro de 1887.

Gustav Salinger

Luiz Altenburg

Julius Sametzki

F. V. Ockel

Francisco Lungershausen

L. Sachtleben

H. Grevsmühl

H. Probst

Jacób Luiz Zimmermann

Leopoldo Knoblauch

R. Voigt

Otto Stutzer

Todos que se interessarem por este empreendimento, estão convidados para uma reunião, no salão da Sociedade dos Atiradores, às duas (2) horas da tarde do dia 2 de Outubro deste ano”.

Conforme relata o citado jornal “Bl. Ztg”, em sua edição N.º 41 de 8 de outubro de 1887, realizou-se no dia e hora aprazados, a mencionada reunião, para a fundação de uma sociedade anônima, que, mediante o privilégio da cobrança de um pedágio, se encarregaria de construir uma boa estrada de cargueiros de Blumenau até Curitiba, cabendo também à mesma sociedade o encargo da manutenção e conservação da referida estrada durante o prazo da concessão de cobrança.

O Sr. Gustav Salinger ficou encarregado de dar as primeiras providências para requerer este privilégio junto à Assembléia Provincial. Foram assentados os seguintes pontos bases. O Governo Provincial concede à Sociedade Anônima o privilégio, para, durante 30 anos cobrar um pedágio de 1\$000 para cada cabeça de gado de corte ou de animal de venda que transitar pela estrada mantida pela Sociedade. — De cada animal de carga o pedágio importará em \$500 réis sendo que os animais de montaria e para cada grugo de 5 animais de carga 1 animal de reserva estará livre de pagamento. A Sociedade se obriga de construir uma boa estrada de cargueiro, de 3 metros de largura, com desmatamento de uma faixa de 15 metros de cada lado da mesma estrada. Além disso a Sociedade se obriga a construir e manter uma balsa no Rio do Sul, para passagem dos animais e condutores.

O capital social foi fixado em 40 contos de réis, dividido em 400 ações do valor de 100\$000 cada ação. Para facilitar a venda das ações foi determinado que sua integralização pudesse ser feita em 10 prestações, conforme chamadas, e, para possibilitar também aos trabalhadores na obra a participação nessa sociedade, foi ainda deliberado aceitar em pagamento da prestação, parte do salário a receber pelo trabalho na estrada.

Nessa reunião foi demonstrado também a importância que esta obra significa para o desenvolvimento da colônia, sendo que para os produtores de açúcar e aguardente vem de ser de grande vantagem, pois assim não precisaria temer a concorrência de outras zonas fornecedoras destes produtos ao planalto. Outra vantagem é que o dinheiro subscrito pelos acionistas ficaria no próprio município, continuando em circulação.

Também a Fazenda Provincial terá vantagens, pois, não obstante a falta do imposto de trânsito, a abertura e exploração das matas de erva-mate e exportação do mate, contrabalançaria, em dobro, a diminuição do imposto do tráfego do gado.

Em tais condições provavelmente não será difícil a obtenção do privilégio pretendido, uma vez que também o nobre deputado por Blumenau e Itajaí, o Sr. Asseburg garantiu que envidaria toda sua influência para a aprovação do projeto que nesse sentido seria apresentado à Assembléia Provincial.

Este requerimento do Sr. Gustav Salinger, apresentado à Assembléia Provincial, obteve parecer favorável das respectivas comissões que opinarem que, em vista da real importância que esta estrada, ligando os municípios de Blumenau e Curitiba, terá para o desenvolvimento da indústria e exploração da erva-mate que com abundância cresce nas matas de Curitiba, Campos Novos e o Norte da Província, e que com a exportação da erva-mate, não só aumentará a renda da Província, como também esta indústria se desenvolverá consideravelmente, dando oportunidade de trabalho para muita gente e finalmente, considerando que falta à Província os necessários meios para construir boas estradas, é de grande vantagem entregar este setor, à iniciativa privada, pois assim a Província terá um aumento de boas estradas que virão facilitar o escoamento e permuta de seus produtos e o intercâmbio entre os diversos centros produtores da Província. Assim as comissões deram parecer favorável ao requerimento do Sr. Gustav Salinger, apresentando à apreciação da casa o seguinte

#### PROJETO DE LEI (Vide nota † 1)

ARTº 1º : - Fica o Presidente da Província autorizado a conceder ao cidadão brasileiro Gustav Salinger, ou à Sociedade por ele organizada, ou ainda a quem maiores vantagens oferecer, sem ônus para a Província e pelo prazo de trinta ( 30 ) anos, o privilégio de construir uma estrada de cargueiros ou carroçável, que ligará os municípios de Blumenau e Curitiba numa extensão de aproximadamente 200 quilômetros.

ARTº 2º : - O Concessionário ou a Sociedade fica obrigado a :

- 1) Construir a estrada em chão firme, com a largura de 3 metros e, onde o terreno o permitir, desmatar uma faixa de 15 metros em ambos os lados da estrada.
- 2) Conservar a estrada durante o prazo defirido no art. 1º, findo o qual ela passará, sem direito a indenização, à Província.
- 3) Apresentar, dentro do prazo de 3 meses os planos e estudos preliminares da construção da estrada de cargueiros e iniciar as obras dentro de seis meses.

ARTº 3º : - O Concessionário ou a Sociedade terá o direito de cobrar um pedágio, (por cabeça de animal) cujo montante será fixado em combinação com o Governo Provincial.

ARTº 4º : - Si dentro do prazo dos primeiros cinco anos o concessionário resolver tornar a estrada carroçável, o privilégio ficará aumen-

tado de 30 para 40 anos e fixada nova tabela para o pedágio referido no art. 3º,

ARTº 5º : - O Concessionário poderá, com o consentimento do Governo Provincial, transferir a outrem o privilégio.

Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das sessões das Comissões, em 25 de outubro de 1887.

(ass.) Pereira e Oliveira, Pereira Vidal.

(Nota † 1) - Tratando-se de uma reversão para o português de uma tradução feita para o alemão, não podemos afirmar a fiel exatidão do teor do projeto acima, porém, o sentido foi fielmente reproduzido.

Este projeto foi convertido em lei, pois no Nº 50 do Bl. Ztg. de 10 de dezembro de 1887, Gustav Salinger publica um anúncio, convidando todos os interessados para uma reunião, a realizar-se no dia 11 daquele mês, às 2,30 hs. da tarde, na Sociedade de Atiradores para uma Assemblêia Geral, onde ele apresentará à mesma o documento do privilégio obtido e haverá decisão para a transferência do mesmo à uma Sociedade que se formará para este fim.

Conforme notícia publicada no referido jornal, Nº 52 de 24 de dezembro, na reunião convocada foi constituída a Sociedade Anônima projetada.

Voltaremos ao assunto em nossas próximas pesquisas.



#### 1-3-1884: EXONERAÇÃO DO DR. FRITZ MÜLLER: O Dr. Fritz

Müller, nosso ilustre conterrâneo, que as universidades e sociedades científicas dos países cultos, — assim ainda recentemente a Imperial Academia Alemã de Ciências Naturais Leopoldina — lhe conferiram o título de Sócio Honorário, cujas obras estão relacionadas imperecivelmente entre os êxitos que no campo das ciências naturais das últimas décadas foram alcançados, — o Dr. Fritz Müller, que por Darwin foi denominado o "Príncipe dos Observadores", — foi exonerado de seu cargo de naturalista colecionador e colaborador do Museu Nacional do Rio, "por motivos de economia"! Um cargo que ha décadas vinha exercendo com assíduo fiel cumprimento do dever, evidenciando a honestidade e caráter íntegro deste homem, cujo valor todos reconhecem, e que por motivos de economia dele veio a ser exonerado. — Com a idade de 63 anos, o Dr. Fritz Müller, defronta a necessidade de, como colono, com o trabalho de suas mãos, sustentar a sua família, si resolver continuar morando no país, onde se tornou cidadão e ao qual deu o melhor de seus esforços, no vigor de sua vida, quer como professor da juventude estudantil, ou ainda fomentando o desenvolvimento de seus institutos científicos.



# Finalidade e Preconceito

AFONSO IMHOF

A palavra latina *museu* vem do grego — «*mouseion*», que significa templo das musas. Elas eram as divindades das ciências e das artes, e, por extensão, o lugar onde se cultivava as artes e as ciências passou a chamar-se *museu*. Historicamente, como instituição, passou por diversos períodos e fases. Assim é que, nos fins do século XVIII, era o lugar onde se expunha as obras de arte. Multiplicaram-se, a partir daí, criando uma imagem negativa para o povo, como, por exemplo, depósito de antigüidades, onde peças velhas ou históricas podiam ficar guardadas com segurança e serem expostas, exercendo função apenas estática. No Palácio de Ptolomeu I, em Alexandria, no Egito (onde também se achava a famosa Biblioteca), já se reuniam sábios e filósofos, realizando investigações no campo da literatura e da ciência. Em Atenas, numa das alas do Propileus, estavam reunidas obras de pintores célebres. Mosteiros cristãos, palácios de soberanos e residências de senhores guardavam riquíssimas coleções de arte, sem, no entanto, receberem a denominação de *Museu*.

Foi em 1750 que o Louvre recebeu a designação de *Museu*. Nele estão as coleções da Coroa de Francisco I. A democratização do Louvre viria surgir em 1793, graças ao aparecimento das Enciclopédias e os efeitos da Revolução Francesa, que nacionalizou as obras de propriedade da coroa e dos mosteiros, abrindo suas portas ao povo e transformando-o, portanto, numa instituição pública e oficial. No Brasil, em 6 de junho de 1818, tivemos a instalação do *Museu Real*, no Rio de Janeiro (hoje *Museu Nacional da Quinta da Boa Vista*), por determinação de D. João VI.

## FINALIDADE

Trigueiros, em seu opúsculo "*O Museu, órgão de documentação*", divide genericamente as finalidades dos museus assim: (1) Finalidades básicas: (a) recolher, classificar, colecionar, conservar e expor os objetos ou documentos; (b) promover estudos, pesquisas, cursos, conferências e divulgação; (2) Finalidades de propósito, que variam de acordo com sua natureza especí-

fica e podem ser classificadas em função de duas principais categorias: (I) Museus de caráter geral, compreendendo a ciência e suas aplicações, a arte, a história, etc.; (II) especializados sobre ciência, arte, história, isoladamente sob determinado aspecto ou relativos a uma época.

Desejamos, entretanto, fazer algumas observações: um Museu, de acordo com normas emanadas da UNESCO, através do ICOM (International Council of Museums — Conselho Internacional de Museus), deve, necessariamente, reger-se por três atividades dinamizadoras: exposição, investigação e educação. Infelizmente, no Brasil existe um número muito grande de museus criados mais por idealismo turístico do que por necessidade técnica, científica, profissional e educacional, o que gerou museus estáticos, mortos educacionalmente, vivendo paupérrimo em termos de participação financeira dos Poderes Públicos. Investigar — ou o sinônimo consagrado pesquisar — é uma exigência social contemporânea.

Resguardando-se algumas exceções, os museus europeus são estáticos, apenas expondo seus ultramilionários acervos, conquistados muitas vezes por guerras imperialistas e colonialistas, enquanto os museus canadenses e norte-americanos se enquadram num esquema de dinamismo das exposições temporárias, permanentes, itinerantes, ou ainda através dos « museobus » e « trens-museus ». Assim, os museus exercem papel preponderante na educação do povo. Esses museus têm a filosofia de informar, educando.

Na investigação e publicação dos trabalhos científicos, os museus são respeitados e considerados pelos Poderes Públicos e pelas Comunidades. Os maiores pesquisadores norte-americanos trabalham nos museus públicos, privados, universitários e fundacionais.

No Brasil, certamente, também temos museus com esse tríplice dinamismo — exposição, investigação e educação.

### O PRECONCEITO AOS MUSEUS

Será verdade que um Museu é um local destinado a coisas velhas? Será verdadeira a concepção popular e mesmo das elites da Comunidade de que o local apropriado para coisas velhas e imprestáveis é o Museu?

São comuns expressões generalizantes, estereotipadas, superficiais e preconceituosas em relação aos museus. Originando-se da visita a um museu, realmente, uma casa apenas com velharias, tipo bricabraque e não um museu mesmo, o homem

do povo e muitos homens públicos generalizam preconceituosamente, sem espírito racional, um rótulo negativo a outras instituições congêneres, prejudicando e inibindo o crescimento. O museólogo Rusins (in *CADERNOS BRASILEIROS*, 1968, n. 46, p. 80), com referência a este aspecto, escreve contundentemente: «falta-nos uma consciência de museus. No povo em geral, nas elites intelectuais, nos estudantes, nas autoridades responsáveis. Temos alguns museus, diria alguém — *muitos*, mas falta-lhes alma. Continuam, ligeiramente melhorados na aparência, estáticos, frios, indiferentes à sua missão cultural, educativa e social. Não temos ainda uma mentalidade nacional do que seja museu. Se assim é com o povo, também acontece com as autoridades competentes. Quando um Governador de Estado, um Chefe Executivo Municipal, um Ministro da Educação e Cultura, um Presidente da República é favorável e impressionado pelos Museus, a coisa vai, os melhoramentos se fazem sentir imediatamente, as verbas são concedidas e, fato mais importante, são liberadas. Mas, o sucessor é insensível ao Museu e está mais propenso a proteger outros setores da vida cultural pública, o museu fica ao desamparo total, como os fatos observados através dos anos comprovam». Mais adiante (p. 81), Rusins conclama: «Necessitamos criar uma consciência nacional em favor do valor cultural e fazer bons museus».

O referido museólogo conclui (p. 87) que: «No momento em que houver no Brasil renovação na conceituação do Museu e do papel do Museólogo, haverá preocupação em escolher para os cargos, pessoas de dinamismo compatível com a função a ser exercida. E a geração nova, compenetrada do valor cultural do museu e de suas possibilidades amplas para a educação de nosso povo, fará, estou certo, o que nós, da geração pioneira, não podemos fazer».

Museu é antes de tudo uma instituição que expõe didaticamente, pesquisa cientificamente (história natural, história, pré-história, arqueologia, paleontologia, ecologia, geologia, antropologia, etc.) e educa informando. Um museu não é igual a outro — não se pode permitir generalizações desprovidas de análise e de conhecimento de causa.

Caro membro da comunidade: você já ouviu falar nas promoções dos museus de arte? — Como, por exemplo: recitais, concertos, estudos de cinema, seminários de estudos, exposições permanentes e itinerantes, cursos regulares e curriculares. O importante é também você saber: existem, no Brasil, museus autênticos, dinâmicos e dignos de serem visitados e auxiliados.

# UMA ESQUECIDA EPOPÉIA DE FRANCISCANOS E BANDEIRANTES E A HISTÓRIA DE UMA VELHA IGREJA

ALICE BÉRTOLI ARNS

ALICE BÉRTOLI ARNS, filha do Sr. Leandro Bértoli, ex-Prefeito de Rio do Oeste e neta do colonizador e desbravador Luiz Bértoli Senior. É professora catedrática da Universidade do Paraná e do Colégio Estadual de Curitiba. Seu último trabalho, recentemente editado "UMA ESQUECIDA EPOPÉIA DE FRANCISCANOS E BANDEIRANTES E A HISTÓRIA DE UMA VELHA IGREJA", resultou de uma longa pesquisa em vários centros culturais e históricos, inclusive na Universidade de Coimbra.

No exelente prefácio de Venâncio Willeke, do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, está registrado que "Tanto na história pátria como na da cultura, há valores duradouros e superiores à influência deletéria de modas passageiras e ondas flu tuantes; cumpre que os defendamos das mãos sacrílegas e do co varde desinteresse.

Toda a instrutiva obra da Professora Alice Bértoli Arns forma uma insistente lição de como valorizar a cultura brasileira qual tesouro precioso e insubstituível. Que outros mestres incen tivem o público, através de explanações, redescobrimdo e esque cido passado e os valores artísticos tão pouco apreciados".

**Discurso pronunciado por ocasião do lançamento do Livro  
"UMA ESQUECIDA EPOPÉIA DE FRANCISCANOS E BANDEI-  
RANTES" Em Florianópolis.**

Já foi dito que encantos de cidades aliadas aos encanto duma Natureza privilegiada, só sensibilizam quando se somam, a tais encantos, gestos e atitudes da hospitalidade, da bondade, lhaneza e calor humano de um povo.

É esta a filosofia de todo relacionamento humano-cultural.

Sinto assim a Florianópolis desta noite.

Ai está a cativante e feiticeira cidade, bela, alegre, expansiva, colorida, cantante, rendeira e hospitaleira, na pujança de sua eterna pri-mavera, num pedestal solene que o mar imenso lhe preparou através de milênios de evoluções cósmicas.

Ai está ela, a nossa Florianópolis, na riqueza de sua arquitetura paisagística, com torres, igrejas, capelas plantadas, um dia, por mãos de homens, à sombra de figueiras e corticeiras centenárias criadas pela mão de Deus.

Séculos lá se foram longe.

A civilização podou a natureza para dar lugar ao que, às vezes, leviamente, chamamos de cultura.

E, nesta hora em que asfaltos e concretos estão a erguer-se acima da arquitetura do passado colonial, a ameaça à cultura impões uma

conscientização aos responsáveis por este imenso empenho desenvolvimentista, sopro e vida da civilização do século 20.

A Florianópolis de hoje, jamais olvidará os que, no Destêrro de antanho, souberam lançar os fundamentos humanos para esta Ilha, que eu diria bela e heróica, porque orvalhada pelo sofrimento e o martírio de catarinenses pela preservação da fé nos ataques holandeses, quando Francisco Dias Velho e sua gente defendiam esta póvoa em 1675, e os Franciscanos, num gesto de épica bravura, salvaram os filhos do fundador da vila de Nossa Senhora do Destêrro.

A hospitalidade desta culta cidade de Florianópolis, permitiu-me lançar meu livro em festivo ato.

Quisera fosse, esta hora, uma meditação sobre o valor de nossas origens e a riqueza espiritual de nossas heranças.

Tive o privilégio de ir a fundo às origens de nossa história. Não fui a primeira, no entanto. Outros o fizeram com maestria e fidelidade.

Quisera prestar minha homenagem aos historiógrafos de Santa Catarina, e aos estudiosos de nossa história. E falando de historiadores, não posso restringir o elenco aos renomados mestres que a Literatura Historiográfica já consagrou.

Quisera ampliar o elenco de benemerências, incluindo os cronistas de nossas cidades, aldeias e colônias, aos que escrevem e aos que salvam do vandalismo da destruição irresponsável, documentos de bibliotecas, de museus, arquivos e paróquias.

Gostaria de incluir na homenagem, mestres que ensinam às crianças e aos jovens da nossa terra, de como é bom reverenciar o passado para avaliar o presente, e merecer o respeito do futuro.

Lidamos todos com pequenas e grandes coisas que o Destino, ou melhor, a Providência, coloca em nossos caminhos existenciais.

Meu livro «Uma Esquecida Epopéia de Franciscanos e Bandeirantes», nada mais pretende senão constituir-se em humilde estímulo para a conscientização da riqueza de nossas origens. Somos todos descendentes espirituais dos Bandeirantes, seja de Domingos e Francisco de Brito Peixoto, da Laguna, seja do Capitão Antônio Correia, de Lajes, ou seja do piedoso fundador da primeira capela desta Ilha de Santa Catarina, a Capela de Nossa Senhora do Destêrro da Sagrada Família.

Filhos espirituais somos, outrossim, dos missionários franciscanos que, no despertar de nossa brasilidade, assumiram a tarefa de imprimir grandeza espiritual e moral ao comentimento da penetração bandeirante.

A Frei Bernardo de Armenta, devemos a primeira imagem viva da paisagem física e humana de Santa Catarina seiscentista, quando aqui, colheu informações e subsídios para o grandioso plano de sua "Província de Jesus".

Florianópolis conserva, na venerabilidade da Igreja de São Francisco e no Convento de Santo Antônio, preciosa herança franciscana de séculos.

Quando Frei Alexandre de Santa Cruz aqui lançou a idéia da fundação da Ordem Terceira, em 1744, o próprio Governador, Pedro de

Azambuja Ribeiro, inscreveu-se como noviço, sendo eleito, após um ano de noviciado, ministro da Ordem Terceira do Destêro.

Terceiros Franciscanos foram : Irmão Joaquim, o esmoler das Casas de Caridade, Padre Tomaz da Costa, irmão de Frei Joaquim, Padre Joaquim Gomes da Oliveira Pais, Dom Eduardo Duarte, Comissário desta Ordem Terceira e posteriormente nomeado Bispo de Goiás pelo Papa Leão XIII, sendo transferido para Uberaba, Minas Gerais, como primeiro Bispo daquela cidade.

Não quisera olvidar o grande franciscano que Florianópolis conserva na memória e na afeição : o saudoso Dom Felício de Vasconcelos, que exerceu seu munus pastoral na humildade, como bispo auxiliar missionário da Ilha, cujo povo tanto amou e serviu.

E, nesta hora de recordações, permitam-me que volta, por um instante, ao berço da Ordem Franciscana, à Úmbria, Perúngia, Alverne, Assis, San Damiano, Porciúncula.

Foi de lá que partiu a mensagem sempre nova, que tem a força de transformas a face da terra.

A mensagem do Homem a vencer o lobo de Gúbio por um gesto de paz.

A mensagem do Homem-Cristo a bendizer todos os homens capazes de perdoar, a bendizer a dor, a bendizer todas as criaturas de Deus, numa visão cósmica universal, cristã, Cristocêntrica : o Irmão Sol, a Irmã Lua, as Estrelas, a Irmã Água, o Fogo, a Irmã Dor e a Irmã Morte.

Tudo isto numa aceitação radical do plano da Criação.

Retornando do longínquo berço da espiritualidade franciscana, devo recordar franciscanos das gerações pioneiras da integração das novas colonizações italianas, alemães, polonesas, e de tantas outras origens.

Lá, vejo o franciscano típico da geração de nossos pais e nossos avós : o franciscano tostado pelo sol, a atravessar, por picadas estreitas, os matagais catarinenses para levar conforto e conselho ao colono em sua luta pelo desbravamento do sertão. O Franciscano sorridente a contar a Bíblia às crianças de Santa Catarina, o franciscano professor, enérgico na disciplina, mas compreensivo sempre dos arroubos dos jovens, conselheiro fiel de amigo.

Todos nós os conhecemos, os franciscanos de todos as indoles, de todos os portes.

Com eles deparamos em todos os caminhos, quando a dor, a dúvida, o perigo, ameaçam as reservas espirituais ou morais em algum momento decisivo de nossas existências.

A eles, todos que descansam neste solo catarinense de Frei Bernardo de Armenta, ou ainda estão a conservar a porta aberta dos conventos, das paróquias e dos colégios para receber-nos, a nós ou a nossos filhos, preto de gratidão.

Permitam-me, amigos, que nesta hora de cultura catarinense evoque a lembrança do colonizador pioneiro que per fez a obra bandeirante com a pertinácia e a bravura de Dias Velho, Brito Peixoto e Capitão An-

tônio Correia, assegurando a brasilidade do Destêro, da Laguna e de Lajes.

Os colonizadores realizaram a obra de integração catarinense.

O momento é de emoção, quando, nesta hora de galas culturais, contemplo a figura do colonizador pioneiro, na pessoa do pai. Ao Franciscano tostado pelo sol, associou-se o colonizador destas terras de Santa Catarina. Juntos abriram caminhos, construíram escolas e capelas e escalaram nossos sertões de ontem, que são as cidades de hoje, plantadas altaneiramente nas colinas da terra em que nascemos.

Permitam-me, amigos, que renda, na figura de meu pai, homenagem sincera aos pioneiros da colonização catarinense.

Neste instante, quisera agradecer a quantos aqui compareceram para prestigiar a lembrança dos que marcaram a nossa cultura com a palavra e o exemplo da fé, com o amor e a solidariedade, que caracterizam a índole da estirpe catarinense.

Um ato comemorativo como este, em que evocamos fatos culturais universais e nacionais dentro da nossa própria identidade brasileira e catarinense, confraterniza-nos a todos, catarinenses de todas as origens e de todas as regiões, pois Florianópolis é, por tradição e por mérito, a capital cultural de Santa Catarina, e por que não dizê-lo, a capital cultural deste extremo sul do Brasil.

O orgulho de proclamá-lo motiva-se justamente na evocação do passado, no desenvolvimento que presenciamos, no futuro que antevemos para esta Ilha, que, em cada página de sua história, soube retratar, com dignidade, a beleza de sua paisagem e a fidalguia de sua gente.

O orgulho de ser catarinense, nada mais é que uma afirmação de brasilidade, pois, o que aqui ocorreu em 300 anos de labuta, sacrifício e dedicação, escrevemos nós, catarinenses, com letras de ouro, no grande contexto da história brasileira.

Evocá-lo em momento solene, numa hora de cultura, religião e civismo, é perpetuar uma vez mais a nossa convicção e fé nos destinos desta terra, que foi de heróis e hoje é nossa, e assim queremos transmiti-la a nossos filhos, e às gerações que tiverem a fibra, a intrepidez que merece esta terra bela e dadivosa, que Deus cinzelou em pedestal sobranceiro, e «ante a qual a alma não enumera, não esquadrinha, não argumenta: comove-se, quando não ajoelha».

Felizes os que têm o privilégio de aqui viver, trabalhar e amar!

Alice Bértoli Arns.

---

## *Cidade de Gaspar*

A atual cidade de Gaspar, sede do futuroso município entre Blumenau e Itajaí, foi fundada por volta de 1837 por colonos vindos para os arraiais de Pocinho e Belchior, criados pela lei nº 1835.

A lei nº 509, de 25 de Abril de 1861 criou a freguesia sob a denominação de São Pedro Apóstolo. Na mesma data foi criado um distrito policial. Em 1893 passou a pertencer à comarca de Itajaí, voltando, depois, novamente à jurisdição de Blumenau, até a sua emancipação.

# Fundação tem novo Conselho Curador

Concluíamos os trabalhos de impressão deste número de «Blumenau em Cadernos» quando foi nomeado pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal de Blumenau, Dr. Renato de Mello Vianna, o novo Conselho Curador da Fundação Casa Dr. Blumenau, cuja posse deverá ocorrer ainda neste mês.

Como é do conhecimento público, havia expirado em dezembro de 1976 o mandato do Conselho anterior, cuja composição era indicada na 3ª capa desta revista e que administrava gratuitamente esta Casa desde sua fundação. Decidiu todavia, com natural prazer, êsse Conselho Curador, perfeitamente cômico do valor do trabalho que realizara por vários anos em prol da nossa cultura e da inegável importância da sua desinteressada contribuição ao desenvolvimento desta comunidade, atender ao apêlo feito pelo Prefeito do Município de Blumenau, para que continuasse, com o mesmo zêlo pela causa pública, a gerir a Fundação por tempo indeterminado, até que, conciliados os interesses políticos, novo conselho curador pudesse ser nomeado.

Através do Decreto nº. 1.025, de 11/05/77, foram escolhidas pelo Dr. Renato de Mello Vianna as seguintes pessoas para formar o Conselho Curador que deverá administrar a Fundação Casa Dr. Blumenau no biênio 1977/1979 :

Altair Carlos Pimpão . . . . .	Radialista, Chefe de Gabinete do Prefeito Municipal
Antônio Boing . . . . .	Professor
Arno Letzow . . . . .	Comerciante
Beno Frederico Weiers . . . . .	Vereador
Elimar Baumgarten . . . . .	Contabilista
Heinz Hartmann . . . . .	Comerciário
Honorato Tomelin . . . . .	Fiscal da Fazenda (aposent.)
Nelo Osti . . . . .	Professor de Geografia
Olivio Pedron . . . . .	Licenciado em Letras, professor
Otto Laczynski . . . . .	Representante comercial
Rolf Ehke . . . . .	Industrial

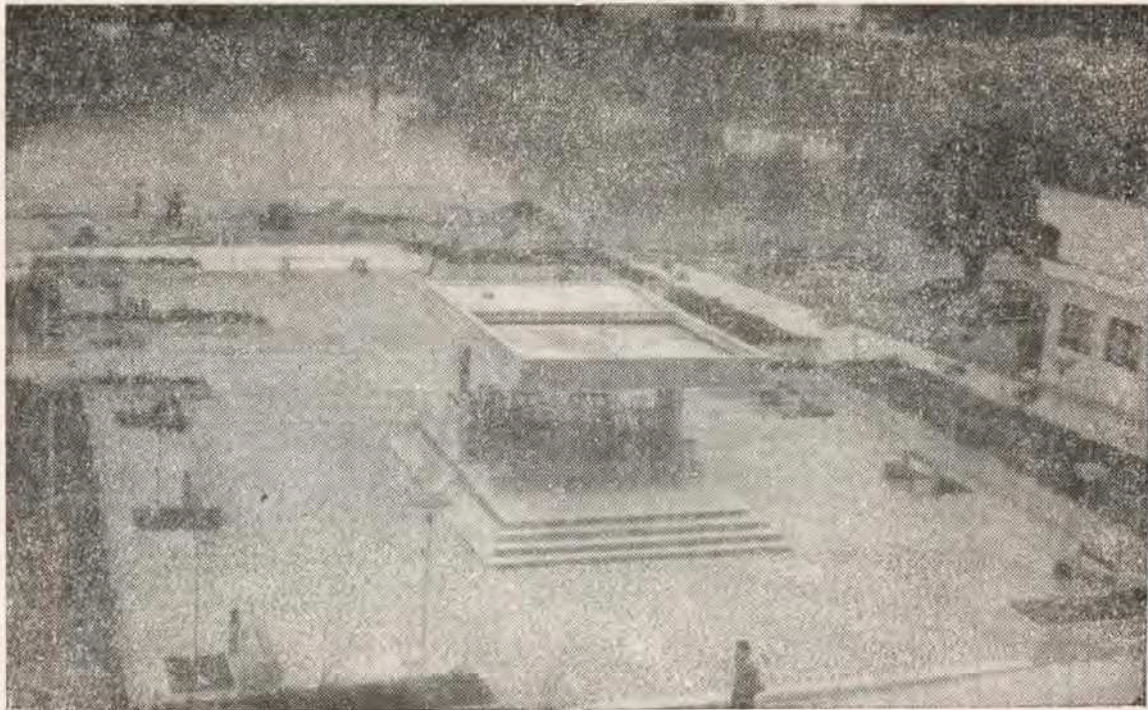
Serve-se desta última oportunidade o Conselho Curador cujo mandato ora finda para reiterar publicamente os seus mais profundos sentimentos de gratidão a todos e a cada um em particular que lhe ofereceram, durante os seus sucessivos



mandatos, apoio moral e material, através de conselhos, sugestões, palavras de estímulo, o trabalho executado com carinho pelos dedicados funcionários da Fundação, escritos para esta revista, doações financeiras e de bens valiosos (livros, documentos para o arquivo histórico e objetos para o museu) — que permitiram dotar Blumenau, além dos órgãos citados, de uma das maiores bibliotecas catarinenses e projetar nacionalmente o nosso município, através da revista «Blumenau em Cadernos», cuja publicação lhe foi honrosamente confiada pela família do saudoso Professor J. Ferreira da Silva, seu fundador, dileto amigo cuja memória se reverencia.

Aos novos membros do Conselho Curador formulam-se votos sinceros de que, não obstante as limitações naturais existentes à boa realização de seu trabalho, consigam continuar cumprindo, sem esmorecimento, as altas diretrizes da Fundação Casa Dr. Blumenau.

---



Praça Dr. Blumenau - com Jardim suspenso — Blumenau

SONETOS E POESIAS DE A. J. FERRAZ

Publicados no jornal "Blumenauer Zeitung" em 1887

Convite à DULACIA

Vem e verás dos bosques a suave tranquilidade  
Doce paz surgir por entre verdes ramagens!  
Vem e verás fontes e regatos cristalinos  
— Por toda a parte deslumbrantes paisagens —!

Vem, e verás as aves em traços amorosos  
Beijarem-se e romperem em terna melodia!  
Verás agrestes jardins de flores variadas  
E ao vel-as sentirás logo estranha alegria!

Vem, e verás as árvores de flores ornadas  
E por baixo de suas copas os leitos das fadas!  
Vem, Deusa de meus anhelos e agrados  
— Vamos admirar, os bosques e os prados!

Blumenau, 2 de janeiro de 1887

A. FERRAZ



Igreja Evangélica de Confissão Luterana — Blumenau

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente  
*Edison Mueller* - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —  
*Isolde Hering d' Amaral* — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

# A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais. De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres. Passe o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas  
**Hering**